

Entre-lugar nas Teorias de Gramsci e Moscovici: o sujeito psicossocial mediado pelo senso comum

Between Place in Gramsci and Moscovici Theories: the psychosocial subject mediated by common sense

Entre el lugar en las Teorías de Gramsci y Moscovici: el sujeto psicossocial mediado por el sentido común

Suzzana Alice Lima Almeida

Universidade do Estado da Bahia

saalmeida@uneb.br

<https://orcid.org/0000-0001-9367-9953>

Maria de Lourdes Soares Ornellas

Universidade do Estado da Bahia

ornellas1@terra.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-1171-9251>

RESUMO

No trabalho apresentado, voltamos o nosso olhar para o senso comum, e, considerando a influência que esse conceito exerce nas obras de Gramsci e Moscovici, fomos em busca do entre-lugar que o sujeito ocupa ao falar e agir como coautor histórico das suas práticas sociais cotidianas, em que acontece a produção do pensamento social, nas obras dos dois autores. Realizamos uma pesquisa teórica, utilizando os livros basilares no desenvolvimento da teoria de cada autor, a exemplo dos *Cadernos do Cárcere* (GRAMSCI, 1975) e *A Psicanálise, sua Imagem e seu Público* (MOSCOVICI, 1979). O percurso metodológico teve aderência com paradigmas que comportam a mudança e a historicidade, buscando subsídios na teoria crítica e na filosofia da práxis gramsciana para respaldarem a análise dos dados. Com os resultados alcançados, elaboramos reflexões (des)construindo fundamentos apoiados em oposições e dicotomias, apresentando um sujeito psicossocial mediado pelo senso comum presente nas obras dos dois estudiosos.

Palavras – chave: Gramsci. Moscovici. Senso Comum. Sujeito. Entre-lugar.

ABSTRACT

*In the work presented we turn our gaze to common sense, and, considering the influence that this concept exerts in the works of Gramsci and Moscovici, we were in search of the inter-place that the subject occupies when speaking and acting as historical co-author of his daily social practices, production of social thought, in the works of the two authors. We conducted theoretical research using the basic books in the development of the theory of each author, such as the *Prison Notebooks* (GRAMSCI, 1975) and *Psychoanalysis, its Image and its Public* (MOSCOVICI, 1979). The methodological approach had adherence to paradigms that involve change and historicity, seeking subsidies in critical theory and philosophy of Gramscian praxis to support the analysis of data. In the results achieved we elaborate reflections (de)*

CONSTRUCTION *foundations that rely on oppositions and dichotomies, presenting a subject mediated by common sense present in the works of the two scholars.*

Keywords: Gramsci. Moscovici. Common Sense. Subject. Inter-place.

RESUMEN

En el trabajo presentado volvemos nuestra mirada al sentido común, y, considerando la influencia que ese concepto ejerce en las obras de Gramsci y Moscovici, fuimos en busca del entre-lugar que el sujeto ocupa al hablar y actuar como coautor histórico de sus prácticas sociales cotidianas, donde ocurre la producción del pensamiento social, en las obras de los dos autores. Realizamos una investigación teórica utilizando los libros básicos en el desarrollo de la teoría de cada autor, a ejemplo de los Cuadernos de la Cárcel (GRAMSCI, 1975) y El Psicoanálisis, su Imagen y su Público (MOSCOVICI, 1979). El recorrido metodológico tuvo adherencia con paradigmas que comportan el cambio y la historicidad, buscando subsidios en la teoría crítica y en la filosofía de la praxis gramsciana para respaldar el análisis de los datos. En los resultados alcanzados elaboramos reflexiones (des)construyendo fundamentos que se apoyan en oposiciones y dicotomías, presentando un sujeto mediado por el sentido común presente en las obras de los dos estudiosos.

Palabras clave: Gramsci. Moscovici. Sentido Común. Sujeto. Entre-lugar.

Apontamentos Iniciais

É comum para estudiosos, ao longo das suas trajetórias, construírem aproximações e identificações teóricas de saberes com outras teorias, assim como distanciamentos nos campos epistêmicos. Assim acontece com Gramsci e Moscovici. A princípio, aparentemente esses autores são dois rios que correm paralelamente em direção ao mar sem se encontrarem no percurso, motivados pela ênfase das abordagens específicas dadas às suas obras. A desconfiança inicial faz sentido.

Por um lado, temos o teórico Antônio Gramsci (1891 – 1937). Ele aparece muitas vezes associado às correntes mais duras do marxismo marcadas pelo materialismo e pelo fatalismo, cujas obras consagradas foram escritas na Itália durante as primeiras décadas do séc. XX, no cárcere, como “não livros” (BARATTA, 2010), com sequências de notas e apontamentos feitos diretamente em cadernos com modelos escolares da época, usando penas. Ao nos aproximarmos da sua obra completa, temos a impressão de que precisaremos aprender, antes de tudo, a nadar em um rio de muitas correntezas. Em seu conjunto, o pensamento do autor é apresentado como um material vasto que está voltado, primeiramente, para

municipiar as organizações das classes subalternas que lutam para conquistar a sua liberdade e a sua hegemonia.

Por outro lado, temos Serge Moscovici (1925 – 2014). Ele estudou francês e filosofia através da leitura de Spinoza e Descartes, tinha formação de psicólogo social, debruçou-se nos estudos das representações coletiva de Durkeim, fez a releitura da obra desse autor através da torção do coletivo para o social. Em sua trajetória, há registros da sua aproximação com o partido comunista romeno quando trabalhou como soldador de uma fábrica. Suas obras consagradas estão associadas a estudos científicos desenvolvidos durante o seu doutoramento na França em meados do séc. XX, como refugiado. Suas ideias centrais aparecem a partir do seu livro-tese, cuja abordagem nos apresenta uma teoria em ascensão, baseada nos pressupostos da psicologia social, tendo a psicanálise como objeto de estudo e, em cuja obra, em algumas abordagens, constrói críticas ao comunismo vigente naquele momento histórico e, em outras, evidencia desconfiança com alguns marxistas, “ou mais precisamente Lênin.” (MOSCOVICI, 2003, p. 309). Portanto, o estigma de uma abordagem mais psicológica do que social, que, em muitos casos, evidencia um social que ignora conflitos e lutas, vem também acompanhando o cenário.

Nesse sentido, parece-nos justificada a lacuna teórica existente no que diz respeito à aproximação entre os dois autores. O que fica mais marcado nos trabalhos e parece respaldar esse distanciamento, diz respeito ao lugar que o *sujeito* ocupa nas suas abordagens: como um sujeito histórico-político, em Gramsci; e, como um sujeito da psicologia social, em Moscovici.

Entretanto, considerando a complexidade presente no estudo da vasta obra de Antônio Gramsci, evidenciando os vários Gramscis que vieram ao nosso encontro a partir do contato com diferentes autores, que também estudam ou estudaram a sua obra, ressaltamos a opção por assumir aqui um Gramsci presentificado a partir da nossa leitura na fonte, das buscas de pistas respaldadas pelo olhar norteado pelo saber que acumulamos sobre a teoria das representações sociais, após anos estudando e pesquisando na área, além do respaldo teórico de autores que também dão visibilidade a esse mesmo Gramsci constituído e se delineado para nós. Essa

escolha é decorrente do que já indicamos: Gramsci é de “todos”. Sua obra é estudada por diferentes campos do saber, a exemplo de sociólogos, filósofos, linguísticos, historiadores, antropólogos, estudiosos da área da educação, cientistas políticos, etc. Acrescenta-se ainda o fato de que ler os Cadernos, ou os “não livros”, não é fácil. É preciso, gradativamente, entrar naquilo que Gramsci (1999) mesmo chama de “ritmo do pensamento”, isto é, em um fluxo, por vezes cadenciado, outros não, de informações e elementos heterogêneos, abstratos e concretos, pensamentos e imagens, que, através do nosso olhar sobre eles, transforma-se em um organismo vivo. Assim, possivelmente, também acontece ou aconteceu com outros que o leram.

Portanto, é a partir desse nosso lugar que construímos a leitura do teórico Gramsci para apresentar o sujeito na sua obra e o possível (des)encontro com o sujeito da teoria das representações sociais¹ de Serge Moscovici.

Sujeito mediado pelo senso comum em Gramsci e Moscovici: distanciamentos (des)construídos

Considerando o cenário e os lugares, a princípio, ocupados pelos autores no meio acadêmico, apresentamos alguns elementos que contribuíram para a construção de conflitos, além da construção das possíveis oposições teóricas nas suas abordagens. Reafirmamos o lugar do *sujeito* como central, pois é também a partir da “concepção de ser humano” em uma teoria, com a qual podemos ter maior visibilidade acerca da sua matriz epistemológica e, por conseguinte, dos fundamentos dimensionadores das questões sociais, políticas e culturais que lhe dão sustentação.

Gramsci, desde os seus primeiros trabalhos (*Escritos políticos*, 1910-1926) para jornais na Itália, antes da sua prisão, ainda durante a sua intensa militância política pelo Partido Comunista, abordava claramente a sua preocupação com a situação político-econômica hegemônica local e mundial, mas que também ganhava novos contornos a partir dos tensionamentos emergentes.

¹ Sujeito da falta, errante e incompleto, mediado pelo político, histórico e psicossocial, à luz da teoria psicanalítica.

Naquele período, já apareciam características do poder dessa dominação para as décadas seguintes: além das guerras e conflitos (presenciou a primeira guerra mundial, a revolução russa, a afirmação dos Estados Unidos como grande potência hegemônica mundial), a consolidação de regimes totalitários, a exemplo do nazismo e do fascismo, presenciou também sinais de resistências a partir do surgimento e formação de outros grandes partidos políticos e dos levantes operários que aconteciam na Europa (SEMERARO, 1997). As revoluções políticas e culturais que se avizinhavam, para o atento estudioso vanguardista, parecem apontar para cenários de tensões extremas, juntando massacres humanos com grandes conquistas científicas e tecnológicas. Paralelamente, a atenção à emergência crescente das massas populares foi também responsável pelas complexas relações humanas que foram se desenhando em sua obra.

Os volumes I e IV dos Cadernos do Cárcere (1999), da versão brasileira, trazem discussões mais pontuais sobre o sujeito em Gramsci que nos foi apresentado, em meio aos seus próprios conflitos pessoais também expressos nas Cartas do Cárcere. Alguns apontamentos e análises feitos pelo autor, principalmente no Caderno 11, volume 1, municiaram estudos acerca da construção desse mesmo sujeito em suas obras, cuja atenção, em muitos momentos, foi focada principalmente nos fundamentos históricos e políticos aos quais os estudos sobre Gramsci foram associados.

É praticamente uma referência popular, entre os estudiosos do autor, a seguinte frase: “pessimismo da inteligência (razão), otimismo da vontade” (GRAMSCI, 1999). Ela é repetida por Gramsci, ao longo de todo Caderno Especial 11, além de aparecer em fragmentos no Caderno de Miscelâneas 9, inclusive no volume 1 da edição brasileira.

Disse Gramsci (1999, p. 412-413), em uma dessas passagens das suas análises sobre “o que é o homem²”:

Que existam as possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, se morra de fome, é algo que, ao que parece, tem

² É importante ressaltar que o significante “homem” representa seres humanos, de acordo com a cultura da época quando as discussões de gênero não eram pautas comuns. Respeitamos, portanto, o contexto histórico da obra, mesmo cientes do reducionismo do termo.

sua importância. Mas a existência das condições objetivas — ou possibilidade, ou liberdade — ainda não é suficiente: é necessário “conhecê-las” e saber utilizá-las. Querer utilizá-las. O homem, neste sentido, é vontade concreta, isto é, aplicação efetiva do querer abstrato ou do impulso vital aos meios concretos que realizam esta vontade.

Cria-se a própria personalidade: 1) dando uma direção determinada e concreta (“racional”) ao próprio impulso vital ou vontade; 2) identificando os meios que tornam esta vontade concreta e determinada e não arbitrária; 3) contribuindo para modificar o conjunto das condições concretas que realizam esta vontade, na medida de suas próprias forças e da maneira mais frutífera. O homem deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa e objetivos ou materiais, com os quais o indivíduo está em relação ativa. Transformar o mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo.

É uma ilusão e um erro supor que o “melhoramento” ético seja puramente individual: a síntese dos elementos constitutivos da individualidade é “individual”, mas ela não se realiza e desenvolve sem uma atividade para fora, transformadora das relações externas, desde aquelas com a natureza e com os outros homens em vários níveis, nos diversos círculos em que se vive, até a relação máxima, que abarca todo o gênero humano. Por isso, é possível dizer que o homem é essencialmente “político”, já que a atividade para transformar e dirigir conscientemente os outros homens realiza a sua “humanidade”, a sua “natureza humana.” {B}.

Nesse trecho, o autor traz à tona o encontro entre as “condições objetivas” de se tomar decisões e fazer escolhas, com a necessidade do “querer utilizá-las”, nas quais o homem é “vontade concreta” quando aplica efetivamente o “querer abstrato” (ou impulso vital) aos meios concretos. Esses meios concretos estão relacionados com a razão; o impulso vital ou vontade, com a subjetividade, o querer abstrato, ou ainda, com os “elementos puramente subjetivos ou individuais”. Essas condições levam o homem ao contato e a transformação do mundo exterior. Isso não será possível se ele não “desenvolver a si mesmo”. Além disso, Gramsci ainda evidencia que esse processo de construção da ética não se dá de forma isolada, no plano individual, mas a partir das relações sociais, com “outros homens em vários níveis, nos diversos círculos em que se vive”. Ou seja, a tríade sujeito – alter – objeto, apresentada por Moscovici (1970), se presentifica na análise gramsciana.

Nesse sentido, Moscovici (1970) propõe uma perspectiva mais social do sujeito em representações sociais, que tomava:

[...] como ponto focal a unidade global constituída pela interdependência, real ou simbólica, de vários sujeitos em sua relação com um ambiente comum, seja este de natureza física ou social. Essa perspectiva é aplicável tanto aos fenômenos de grupo quanto aos processos psicológicos e sociais e integra o fato da relação social na descrição e explicação dos fenômenos psicológicos e sociais. Nesse caso, a relação Sujeito-Objeto é mediada pela intervenção de um outro sujeito, de um "Alter", e se torna uma relação complexa de sujeito a sujeito e de sujeitos a objeto. (MOSCOVICI, 1970, p. 33)

Ora, Gramsci não utiliza a linguagem característica da psicologia social, ele tem seu estilo próprio de escrita de acordo com a época e outras condições específicas, contudo os elementos que compõem os pressupostos do sujeito das representações sociais estão aí representados: o sujeito cognitivo/razão e o sujeito dos afetos/subjetividade. É esse sujeito que constrói relações e interações com outros sujeitos e com o mundo exterior a partir das práticas sociais em seus grupos de pertença, também apontados pelo autor.

Corroborando essa perspectiva, Gramsci (1999) ainda afirma:

Dizemos então que o homem é um processo e precisamente é o processo dos seus atos. [...] Isto é, ocorre conceber o homem como uma série de relações ativas (em processo) na qual se a individualidade tem a máxima importância, não é, contudo, o único elemento a ser considerado. A humanidade que se reflete em cada individualidade é composta por diversos elementos: 1) o indivíduo; 2) os outros homens; 3) a natureza. Mas o segundo e o terceiro elementos não são assim simples como podem parecer. (GRAMSCI, 1999, p.418).

Logo, o homem não é visto simplesmente como um ser vivo fruto da natureza e dotado de razão. Não é apenas a sua existência o fator determinante do que ele será, mas as suas ações no meio social. Sua humanidade não é delimitada *a priori*, porém construída cotidiana e historicamente na medida em que se relaciona com os demais seres da natureza, com as criações e construções oriundas do seu trabalho nas práticas sociais e nas suas atitudes diante dos elementos e das coisas do mundo.

Ainda sobre o sujeito dos afetos, a subjetividade relacionada com a vontade em seus escritos, destacamos uma carta de Gramsci (2005), nas Cartas do Cárcere, volume 1, para a sua cunhada Tânia (Tatiana Schucht), datada de 1 de julho de 1929,

dando-lhe notícias acerca da rosa trepadeira plantada por ele na prisão, com o objetivo de deixá-la subir pelo muro até as celas.

Diz Gramsci (2005, p. 352-353):

(...) Neste último mês passou o mal-estar que tinha antes, mas me ficou uma grande apatia: os outros presos me dizem que este é o sintoma mais evidente do cárcere, que nos mais resistentes começa a se extinguir e resta aquela aparência vaga de vontade que se esgota na fantasia dos planos grandiosos jamais realizados: o preso se esparrama de costas na cama e passa o tempo cuspidando contra o teto, sonhando coisas irrealizáveis. Mas isto, certamente, é o que não farei, porque nunca cuspo e também porque o teto é muito alto!

A propósito: sabe: a roseira se reavivou completamente (escrevo “a propósito” porque a observação da roseira, durante todo tempo, talvez tenha substituído a cusparada contra o teto!). De 3 de junho até o dia 15, repentinamente, começou a dar botões e depois folhas, até que ficou inteiramente verde de novo: agora tem pequenos ramos de quinze centímetros. Quis até mesmo dar um botão de flor, todo pequenino, que, no entanto, num certo ponto perdeu a força e agora está amarelando. De qualquer modo, a planta vingou e, certamente, no ano que vem dará flores. E não se pode excluir que produza algumas pequenas rosas bem tímidas neste ano mesmo. Isto me alegra, porque de um ano para cá os fenômenos cósmicos me interessam (talvez a cama, como dizem na minha terra, esteja colocada de acordo com a direção correta dos fluídos terrestres e, quando durmo, as células do organismo rodopiam em uníssono com todo o universo). Esperei com muita ansiedade o solstício de verão e, agora, que a terra se inclina (na verdade se endireita depois da inclinação) na direção do sol, estou mais contente (a questão está relacionada com a luz que trazem de noite, e eis que encontramos o fluído terrestre!); sinto o ciclo das estações, ligado aos solstícios e aos equinócios, como se fosse carne da minha carne; a roseira está viva e certamente há de florescer, porque o calor prepara o gelo e, sob a neve, já palpitam as primeiras violetas, etc., etc.; em suma, o tempo me parece algo corpóreo, uma vez que o espaço não mais existe para mim. Cara Tânia, paro com estas divagações e lhe mando um abraço. Antônio.

A carta nos traz mais visibilidade sobre o “homem Gramsci”, suas carências afetivas durante os primeiros anos no cárcere e o desnudamento da sua própria natureza humana, o que se “torna carne da sua carne (...) vivida como natureza, como corpo, como parte de si e da qual ele próprio é parte.” (BARATTA, 2004, p. 20). A vontade fragilizada pela sua própria condição humana conflitando com a esperança, ou seja, as condições emocionais também (de)marcam o seu lugar de sujeito histórico.

Outrossim fica evidente, no cenário da discussão e análise do autor sobre o que é o homem, é a sua associação ao termo “político”, a ação política de transformação desse ser, a de assumir a direção consciente de outros seres para afirmar a sua condição de existência. Esse enfoque é o que sempre ganha mais destaque e visibilidade na teoria gramsciana, mesmo quando ressalta elementos que ampliam a sua obra para além da militância política e do conteúdo político presente nas práticas sociais cotidianas; esses elementos se aproximam, em certa medida, de Moscovici. Por isso mesmo, julgamos importante dar visibilidade a esse “outro Gramsci” igualmente presente em seu vasto e complexo acervo, geralmente pouco discutido e apresentado.

Gramsci (1999, p. 106) fala mais sobre a vontade, agora associada a uma “forma primitiva de finalismo apaixonado” e da contradição da consciência:

Quando não se tem a iniciativa na luta e a própria luta termina assim por identificar-se com uma série de derrotas, o determinismo mecânico transforma-se em uma formidável força de resistência moral, de coesão, de perseverança paciente e obstinada. “Eu estou momentaneamente derrotado, mas a força das coisas trabalha por mim a longo prazo, etc.” A vontade real se disfarça em um ato de fé, numa certa racionalidade da história, numa forma empírica e primitiva de finalismo apaixonado, que surge como um substituto da predestinação, da providência, etc., próprias das religiões confessionais. Deve-se insistir sobre o fato de que, também nesse caso, existe realmente uma forte atividade volitiva, uma intervenção direta sobre a “força das coisas”, mas de uma maneira implícita, velada, que se envergonha de si mesma; portanto, a consciência é contraditória, carece de unidade crítica, etc.

A concepção de subjetividade do autor ganha maior visibilidade a partir do otimismo que essa vontade traz consigo e é capaz ainda de impulsionar ações e lutas, lugar próprio dos afetos, sem, contudo, aproximar-se da visão idílica na qual o homem se restringe à sua própria individualidade. Conforme evidenciou Gramsci, o indivíduo relaciona-se organicamente com a natureza e com outros homens e somente através de tal intermediação, é que, de fato, configura-se a sua individualidade e materializa-se a vontade concreta. Assim, basicamente, o meio social é seu espaço de maior visibilidade: o da esfera pública, arena da luta pela hegemonia e construção do consenso, partindo dos saberes do senso comum.

Quando nos debruçamos sobre os estudos do sujeito na teoria das representações sociais, encontramos em Jodelet (2015) as informações para a fundamentação da nossa abordagem. Ela nos dá pistas para a compreensão e ampliação desse significante dentro da teoria de Moscovici, a partir da construção de um panorama histórico com o qual evidencia alguns modelos teóricos desenvolvidos no seio da psicologia social.

A autora alude às novas perspectivas de estudos sobre esse mesmo sujeito, desenvolvidas a partir das ciências sociais e humanas, trazendo à tona lacunas, ao mesmo tempo em que valida a contribuição das abordagens mais sociológicas e propõe uma interseção. É assim que Jodelet aponta a necessidade de trabalhar com a noção de “subjetivação” em pesquisas que considerem a subjetividade, sem perder a dimensão social no estudo das representações. Esse debate é propositivo e vem ao encontro do que estamos apresentando acerca da perspectiva do sujeito em Gramsci, que, pela natureza política e social marcantes nas suas abordagens, parece, a princípio, neutralizar o sujeito/indivíduo.

Jodelet (2015) apresenta um campo aberto para se pensar o sujeito nas representações sociais, propondo o “retorno do sujeito” (JODELET, 2009), sem, contudo, descontextualizá-lo das correntes da psicologia social que o associam mais diretamente às dimensões sociais em diferentes contextos.

Diz Jodelet (2015, p. 321),

Quando se trabalha sobre representações sociais com a preocupação de compreender e de intervir (JODELET, 2007) em diversos campos de prática (educação, saúde, política, etc.), forçosamente se deve pensar em termos que considerem as particularidades que afetam os indivíduos que intervêm como sujeitos “pensantes e agentes”, para retomar uma expressão consagrada hoje nas ciências sociais.

Essa preocupação com o resgate do sujeito vem da sua constatação de que algumas abordagens da teoria das representações sociais apresentam os processos de formação das representações e não esclarecem a parte que se refere à participação da subjetividade. A autora ressalta que alguns modelos mostram o caráter social das representações sociais, relacionando-as seja aos “sistemas de normas ligados a uma inscrição social que determina as posições individuais, seja à

agregação de elementos que formam a estrutura subjacente às respostas individuais” (JODELET, p. 322), evidenciando que, em todos esses casos, o social se refere, sobretudo, a grupos particulares aos quais os indivíduos pertencem. A limitação dessas abordagens diz respeito à negligência com dois fatores que estão em jogo no processo de subjetivação.

Nesse sentido, Jodelet (2015, p. 322) ainda esclarece:

Se esses modelos permitem entender a influência do pertencimento social e dos quadros ideais e ideológicos que ela fornece sobre os processos cognitivos, eles negligenciam o jogo dos dois estratos decisivos no processo de subjetivação. De um lado, os contextos particulares que orientam a ação e formam subjetividades locais; de outro, o sistema das instâncias políticas, das relações de produção, das relações de sentido e de poder, impondo, ao longo do tempo, “tipos históricos de individualidade” (FOUCAULT, 2001a, 2001b). Esse sistema participa da cultura na qual somos formados e à qual aderimos com uma “ligação apaixonada” (BUTLER, 2002).

Essa perspectiva que se abre para a delimitação do sujeito das representações sociais, a partir dos estudos de Jodelet, parece criar mais espaços de aproximação do lugar do sujeito de Gramsci, com perspectivas não abordadas anteriormente por Moscovici na teoria das representações sociais. Esse viés com maior aderência a significantes como “instâncias políticas” e “tipos históricos de individualidade” na constituição da subjetividade, referenciadas pela estudiosa, também amplia a legitimação dessa constatação.

Jodelet (2015), ainda salienta a ausência, nessas abordagens, do lugar de componentes vitais do sujeito: a sua corporalidade e de sua vida emocional. Hoje, segundo ela, “o corpo é explicitamente tratado nos modelos de “incorporação” (*embodiment*) como o meio que permite situar socialmente o conhecimento” (JODELET, 2015, p. 322). Ressaltamos a alusão que fizemos a esse aspecto da condição do corpo em Gramsci (2005), associado às suas condições emocionais, por ele mesmo apresentadas na Carta do Cárcere dirigida à cunhada Tânia. Esses elementos certamente demarcam processos de incorporação de saberes e estão presentes na constituição da subjetividade. Nesse sentido, a autora sinaliza a necessidade da consideração desses significantes para se pensar sobre a subjetividade associada à incorporação dos saberes do senso comum.

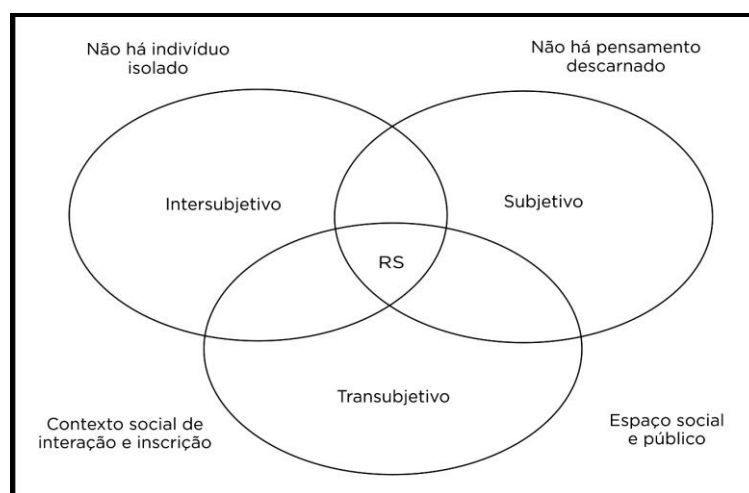
Segundo Jodelet (2015, p. 322),

Assim, a consideração do corpo e das emoções vai se tornar uma chave para pensar completamente a subjetividade e sua relação com o mundo. A partir de agora, quando estudarmos a produção das significações e dos saberes de senso comum, deveremos percorrer “a cartografia dos territórios existenciais – implicando universos sensíveis, cognitivos, afetivos, estéticos, etc (...)”.

Faz-se pertinente evidenciar que a estudiosa potencializa os saberes do senso comum implicados com o campo dos processos da experiência e da sua condição de sujeito subjetivante.

A partir das perspectivas que integram as diferentes dimensões e esferas de pertença das representações sociais, Jodelet (2009) criou um quadro ilustrativo para dar visibilidade ao cenário de estudos sobre o sujeito e, aqui, consideramos relevante reproduzi-lo, a fim de situarmos o sujeito das representações sociais abordado, bem como a perspectiva gramsciana a partir do cenário apresentado.

Figura 1. AS ESFERAS DE PERTENÇA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS



Fonte: Jodelet (2009, p. 695)

Jodelet (2015) explica o quadro esquemático da seguinte forma:

Nele estão reunidos os processos pelos quais o sujeito social e socializado, localmente situado em contextos concretos de vida e de trabalho, se apropria das representações que circulam no espaço comum e contribui para sua elaboração. A esfera da subjetividade se reporta à experiência vivida engajando o corpo, a sensibilidade e as emoções, ao lado dos saberes adquiridos ou construídos. Ela coloca em jogo processos psíquicos e identitários cuja compreensão apela às

contribuições da psicologia e da psicanálise. Esse capital privado pode influir na produção representacional socialmente informada. (JODELET, 2015, p. 323)

Nesse sentido, a estudiosa visibiliza novamente ao que propôs na sua abordagem sobre “o retorno do sujeito” (2009), situa as condições de subjetividade e de subjetivação em cenários diversos nos quais as interações e práticas sociais acontecem, circulam saberes do senso comum no processo de apreensão das representações sociais.

Para maior evidenciar as suas ideias, numeramos as esferas de pertença no intuito de situar os lugares ocupados pelos sujeitos nas abordagens e nos estudos da teoria das representações sociais contemporâneas. Construimos esse cenário a partir das análises apresentadas pela própria autora.

1. Esfera subjetiva – refere-se “à experiência vivida engajando o corpo, a sensibilidade e as emoções, ao lado dos saberes adquiridos ou construídos.” (JODELET, 2015, p. 323). Essa esfera traz para o cenário os processos psíquicos e identitários e a sua compreensão recorre às contribuições da psicologia e da psicanálise (JODELET, 2015). Esse viés privado ou pessoal pode influir na produção representacional socialmente informada.
2. Esfera intersubjetiva – refere-se “às trocas e às interações pelo viés das quais se forjam, no consenso ou no dissenso, representações compartilhadas nos grupos definidos” (JODELET, 2015, p. 323-324). Corresponde ao modelo mais comum; é adotado pela maioria dos enfoques e das abordagens nas pesquisas em representações sociais e é também o modelo proposto pela psicologia para tratar dos processos sociocognitivos.
3. Esfera transubjetiva – é uma esfera pouco conceituada até hoje fora dos estudos da sociologia. Refere-se “a elementos reguladores das visões de mundo, das ideias e dos conhecimentos, dos valores, das condutas que os indivíduos e os grupos têm em comum em razão de sua implicação em uma mesma situação material ou de uma mesma condição social”

(JODELET, 2015, p. 324). Os elementos dessa esfera estão localizados no espaço público ou social e “provêm de diferentes fontes (desde a comunicação midiática até os valores e normas culturais, passando pelas imposições ligadas aos âmbitos institucionais, ideológicos, às relações de poder, etc.)” (JODELET, 2015, p. 324). Nesse sentido, esses elementos são apreendidos pelos indivíduos conforme o modo de adesão ou de imposição. “Atravessando os outros níveis de elaboração representativa, eles constituem o pano de fundo das representações compartilhadas que permitem a intercompreensão (SEARLE, 1979)”. (JODELET, 2015, p. 324). Para a análise dessa esfera, a autora sugere os aportes das ciências e da filosofia sociais.

A partir dessas perspectivas, a autora lança o olhar para o ponto de interseção entre as esferas, conforme o quadro, e propõe que os três níveis sejam considerados nos estudos das representações sociais: subjetivo, inter e transobjetivo, isto é, que eles sejam realizados numa perspectiva interdisciplinar.

Jodelet (2015, p. 324) afirma:

Um vasto programa! Mas que deve ser afrontado em vista da complexidade dos fenômenos representativos. As representações sociais que nós estudamos nos meios concretos, onde os indivíduos desenvolvem sua atividade diária, se acham na intersecção dos processos que marcam cada um dos níveis. Não se pode deixar de decifrar sua natureza e seu intrincado. (...) Principalmente quando estas concedem um lugar importante às representações na constituição e na transformação do social.

Com essa sinalização, algumas considerações acerca do sujeito na obra de Gramsci vêm à tona. Nesse sentido, quando consideramos o viés socio-histórico e político presente na teoria gramsciana, o mais (re)conhecido no meio acadêmico, situamos o sujeito de Gramsci na esfera 3, a da transsubjetividade. Ora, os supostos conflitos e desconfiança epistemológicos acerca do significante “sujeito” gramsciano por parte da teoria das representações sociais de Moscovici, são diluídos, na medida em que Jodelet reconhece e legitima esse mesmo sujeito nos estudos desenvolvidos a partir dessa perspectiva no campo social, embora necessitando de ampliação. E, mesmo com limitações, quando, apenas a esfera 3, promove a invisibilidade da

subjetividade (1) e, em alguns casos, da intersubjetividade (2), traz e tem contribuições para o alargamento da teoria, conforme também aponta Jodelet (2015).

Além disso, considerando a delimitação do sujeito na obra de Gramsci aqui apresentada, podemos situá-lo também nas esferas 1 e 2 (subjetividade e intersubjetividade). “A experiência vivida engajando o corpo, a sensibilidade e as emoções” (JODELET, 2015) do autor, além do lugar do sujeito da razão e dos afetos claramente apresentado em sua obra, associados às trocas e às interações conflitantes que formam representações compartilhadas nos grupos de pertença, a partir do viés sujeito – alter – objeto, nos permitem situá-lo também nesses lugares. Nesse sentido, parece que o sujeito gramsciano anuncia, na sua própria constituição, um caráter interdisciplinar, conforme sugere Jodelet, quando amplia a complexidade do sujeito das representações sociais, e, por isso mesmo, a contextualização e abrangência da sua obra têm um reconhecido largo alcance.

Moscovici, apesar de delinear claramente o sujeito da sua obra (esferas 1 e 2), principalmente o sujeito da esfera 2 (intersubjetividade), admitia e tinha interesse na atualização da teoria das representações sociais. Em diferentes ocasiões, afirmou o viés interdisciplinar da sua obra, a exemplo do momento em que esclarece a dificuldade de apreensão do conceito das representações sociais aqui apresentado.

Segundo Moscovici (2012, p. 39),

As razões não históricas se reduzem a uma única: a posição “mista”, no cruzamento de uma série de conceitos sociológicos e de uma série de conceitos psicológicos. É nesse cruzamento que temos de nos situar. De alguma forma, a perspectiva é professoral, mas é também uma forma de colocar em evidência o glorioso passado do conceito, de atualizá-lo e compreender a especificidade. (MOSCOVICI, 2012, p. 39)

O cenário de convite ao novo, a especificidade do estudioso em demarcar o lugar do sujeito na esfera 2 (inter), presente na teoria das representações sociais desde a sua criação na tese de doutorado, é constantemente reafirmada em seus escritos. A esfera 3 (transsubjetividade) não aparece claramente, mas foi explorada em seus estudos e abordagens através da *teoria da inovação* ou *teoria da mudança social*; estudos que, segundo o autor, “pertencem a diferentes campos da psicologia

social, respondem a diferentes questões e se relacionam a áreas distintas de minha experiência de vida. Eu não apenas pertenci a uma minoria discriminada, também criei um movimento de minoria.” (MOSCOVICI, 2005, p. 349).

A teoria da inovação³, como Moscovici (2005) preferiu chamar, foi lançada no Brasil em 2011, através da obra intitulada *Psicologia das Minorias Ativas* e apresenta os seus pressupostos. Através desse estudo, é possível estabelecer a ligação com a teoria das representações sociais e, assim, nos aproximamos de um autor em que o sujeito histórico e político (esfera 3) se manifesta a partir das práticas sociais mediadas pelo senso comum.

Durante a entrevista com Marková, Moscovici (2005) explica o que significa a “minoria” na teoria da inovação:

Basicamente, as minorias são consideradas como existindo na fronteira social ou mesmo fora dela. A situação de uma minoria é a situação de um grupo ao qual foi negada autonomia e responsabilidade, que não tem a confiança, nem é reconhecido por outros grupos, tanto porque ele é dominado, ou devido a sua condição dissidente, herética, etc. Tal grupo não se reconhece nos sistemas existentes de poder, crença e não representa tal sistema para ninguém. A fim de fornecer um sistema diferente de crenças, de obter poder ou se tornar um modelo para outros, tal grupo tem de ser capaz de influenciar os outros, mudando sua maneira de ver e/ou agir, até que chegue ao ponto de se tornar uma maioria. As minorias não são os únicos inovadores, porém, elas se mostraram, muitas vezes, como os principais agentes de inovação na arte, ciência, política e assim por diante. (MOSCOVICI, 2005, p. 349)

O autor dá destaque à necessidade das minorias ativas mudarem suas formas de ver e agir através da influência e ação dos seus pares e, assim, passarem a ser maiorias.

A teoria gramsciana perpassa essa abordagem moscoviciano sobre as minorias, em várias dimensões. Nela, podemos situar categorias como: conflito, dominação, luta, hegemonia, contra-hegemonia, consenso. A proximidade desse sujeito histórico e político de Moscovici, articulado com as questões do campo social, aparece mais ainda quando o autor afirma:

³ O sentido da “inovação” é atribuído à mudança, conforme também é usada a outra nomenclatura da teoria. Embora entendamos que a “teoria da mudança social” vai ao encontro do que defendemos neste artigo, usaremos a “teoria da inovação social” em respeito à preferência do autor.

O fenômeno é amplamente descrito na antropologia, economia, história, e assim por diante (...). As minorias são definidas de acordo com situações históricas e modelos culturais. (...) Em primeiro lugar, o conhecimento como conceito aqui, é um processo de luta e persuasão no curso da história humana, não um processo de aprendizagem realizado pela pessoa singular, que se supõe adquirir conhecimento, através da informação privada. (MOSCOVICI, 2005, p. 356).

A alusão ao distanciamento da “pessoa singular” e da “informação privada” dá visibilidade aos conflitos próprios da inserção do sujeito nos espaços públicos, assim como aos tensionamentos característicos da formação das representações sociais, ou seja, o conhecimento, na teoria da inovação, é um conhecimento comum e é atrelado à comunicação, igualmente comum, que circula dentro dos grupos sociais, integrando, portanto, o conhecimento do senso comum partilhado. Dessa forma, gerado o conflito, cria-se uma predisposição para a mudança, a inovação, através da influência social.

Nessa situação de conflito, Moscovici (2011) evidencia que, mesmo apresentando resistência à mudança, a maioria é influenciada a ser mais tolerante com o que antes era considerado excluído ou proibido. Consideramos que essa perspectiva da maioria *ser mais tolerante*, é um ponto de distanciamento da teoria gramsciana. Em Gramsci, a perspectiva é a de mudança de um bloco de poder por um novo bloco histórico, não somente de tolerância de um grupo dominante para com os excluídos. Mas, apesar dessa possibilidade de “tolerância” também presente na teoria da inovação, ela não caracteriza o seu maior objetivo.

Dessa maneira, o processo de influência social é um lugar de mobilização e ação das minorias ativas, no qual grupos dissidentes e excluídos tencionam saberes e práticas hegemônicas presentes no social. O poder das minorias está, por um lado, na definição de uma pauta de luta, na construção de um espaço de participação, representação e negociação; por outro, em sua capacidade de influência social, um processo dinâmico dependente de estilos de comportamentos, ou seja, de ações que dialoguem socialmente e manifestem conflitos percebidos. Os estilos de comportamento compõem uma dimensão ativista, uma esfera prática das representações sociais, isto é, as representações em ação.

Ainda na entrevista com Marková (2005), quando ela propõe que é o “estilo comportamental” o responsável por ligar diretamente a teoria da inovação com a teoria das representações sociais, Moscovici (2005, p. 361) responde:

Sim (...). Desse modo, estilos comportamentais provêm do estudo das representações sociais; subjacentes a isso tudo, nós temos representações de intenção, de comportamento, de regras de comportamento, etc. e você pode dizer que isso resulta em representação. Se não tivermos a mesma representação, então o estilo comportamental não tem efeito.

Dessa forma, é do conflito entre o antigo e o novo, através da tensão entre maioria X minoria, que emergem possibilidades de modificações na forma de representar os objetos. Diante disso, é possível afirmar que a teoria da inovação social, elaborada por Moscovici é, em si, uma inovação social, na medida em que seus pressupostos vão ao encontro da perspectiva de se considerar o sujeito também a partir da transubjetividade (esfera 3), conforme esclareceu Jodelet (2009). A teoria da inovação certamente traz os fundamentos originários da nova perspectiva, sugerida por Jodelet, de se conceber esse lugar do sujeito nas investigações em representações sociais. Podemos afirmar então, que o sujeito, na abordagem moscoviciano, também está relacionado com as relações sociais mais ampliadas e complexas que perpassam as suas práticas cotidianas, muito além das meras interações presentes em outras perspectivas.

Consideramos relevante registrar aqui, o encontro que tivemos com a teórica Denise Jodelet na sua passagem pelo Brasil, outubro de 2016, em Salvador – Bahia, para proferir conferência em um evento sobre representações sociais. Na ocasião, a estudiosa gentilmente leu a nossa pesquisa ainda em fase de construção. Durante a escuta das suas relevantes contribuições, o seu maior questionamento dizia respeito a um possível conflito epistemológico ancorado, inicialmente, na associação entre o Gramsci “comunista” e o Moscovici, um estudioso do campo da psicologia social; a mesma associação que comumente acontece no meio científico.

Na oportunidade, após nossas considerações, Jodelet acentuou que não leu Gramsci e confirmou a leitura feita por Moscovici. Durante a conversa, entre outras coisas, socializamos o nosso propósito de trazer à tona o “sujeito político” de

Moscovici, considerando que, para o sujeito da “psicologia social” em Gramsci, já tínhamos elementos teóricos para a construção. Compartilhamos ainda a intenção de evidenciar essa dimensão a partir do livro *A Psicologia das Minorias Ativas* (2011) e ouvimos de Jodelet sobre a aderência da teoria da inovação como um complemento à teoria das representações sociais. Além disso, a estudiosa ressaltou o enfoque no senso comum das duas teorias como norteadoras do lugar que o sujeito ocupa.

Na mesma oportunidade, Jodelet se prontificou a nos enviar um material via e-mail, ainda que escrito em francês, para ajudar nessa construção. Recebemos a indicação do material para leitura, e, entre a surpresa e a serenidade, constatamos que era o livro completo “*Psychologie des Minorités Actives*”, de Serge Moscovici, na versão francesa. Ora, estava legitimado o encaminhamento que nos propusemos construir a partir desse viés. O sujeito político de Moscovici estava referendado.

Portanto, a fecundidade da teoria da inovação, associada à teoria das representações sociais, está no fato de também associar-se à teoria gramsciana, como possibilidade criativa e dialógica, diminuindo supostas dicotomias aparentemente cimentadas. O caráter revolucionário, subversivo e inspirador de lutas, está intimamente ligado à produção e reabsorção de conflitos, na implementação de contradições, muitas vezes, silenciadas pelas maiorias dominantes, que fazem surgir algo novo, contestador e porta-voz de mudança de atitudes. Essa é a base da teoria da inovação de Moscovici, todavia parece que estamos lendo características da teoria gramsciana. Isso nos faz lembrar, mais uma vez, de Gramsci (1999), quando ele afirmava que não é apenas a existência do homem o determinante do que ele será, mas as suas ações.

Estende-se essa realidade ao próprio lugar no qual nos anunciamos como sujeitos pesquisadores e pesquisadoras no campo das representações sociais. Sabemos que há muito para aprender no campo teórico e metodológico nessa perspectiva da interseção das três esferas, examinando e questionando as nossas próprias crenças e posições que orientam o nosso olhar.

Jodelet (2015) sinaliza alguns desses lugares do sujeito a partir da interseção das esferas (subjetivo, intersubjetivo e transubjetivo) analisadas e, nos parece, há indicações de desafio e convite para esse movimento. A autora salienta:

Dois níveis (o subjetivo e o transubjetivo) merecem um esforço de reflexão particular e a elaboração de instrumentos conceituais e metodológicos adaptados. Essa iniciativa deve ser conduzida sem tardar, já que é evidente que, para abordar os problemas sensíveis de nosso mundo contemporâneo, o estudo das representações sociais deve se armar de perspectivas mais amplas. (JODELET, 2015, p. 325)

Para não concluir, à guisa da (in)conclusão desse debate, registramos o final do diálogo com a estudiosa antes das despedidas e dos agradecimentos. Na oportunidade, Jodelet reafirmou enfaticamente: “Mas lembre-se, Moscovici não era comunista!”. Eu prontamente respondi: Não, ele era gramsciano! Sorrimos sonoramente juntas.

A obra de Gramsci é muito maior do que o Partido Comunista em várias dimensões, porque aprofundou conceitos, criou concepções teóricas relevantes e marcantes para uma época que se mantêm atuais até hoje. Além disso, é uma obra grandiosa, para além de um partido, quando constitui o conceito de um sujeito inteiro, não dividido, aposta na perspectiva social, propõe e convida homens e mulheres para assumirem os lugares de atores sociais, capazes de promover espaços de luta e emancipação política e humana.

Referências

BARATTA, Giorgio. **As rosas e os cadernos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BARATTA, Giorgio. **Escola, filosofia e cidadania no pensamento de Gramsci: exercícios de leitura**. Revista Pro-posições, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 31-49, jan./abr. 2010.

JODELET, Denise. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 3, set./dez. 2009, p.679-712.

JODELET, Denise. **Problemáticas psicossociais da abordagem da noção de sujeito**. Cadernos de pesquisa, v.45 n.156, abr./jun. 2015, p.314-327.

MOSCOVICI, Serge.. Préface. In: JODELET, Denise et al (Ed.). **La psychologie sociale: une discipline en mouvement**. Paris, La Haye: Mouton, 1970.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Crônicas dos anos errantes: narrativa autobiográfica**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **A Psicologia das minorias ativas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Tradução de Sônia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2012.

GRAMSCI, Antônio. **Introdução ao estudo da Filosofia**. A Filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**, v. 1. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do Cárcere**, Volume 1: 1926-1930. Tradução de Luiz Sérgio Henriques; Organização de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SEMERARO, Giovanni. **Da sociedade de massa à sociedade civil: A concepção da subjetividade em Gramsci**. Texto apresentado para o Congresso Internacional: "Antonio Gramsci: Da un secolo all'altro", organizado pela Internacional Gramsci Society, no Instituto Italiano per gli Studi Filosofici, Napoli, outubro de 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n66/v20n66a3.pdf> Acesso em 18 de dezembro de 2016.

Revisores de línguas e ABNT/APA: Rita Correia

Submetido em 20/09/2023

Aprovado em 21/01/2024

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)